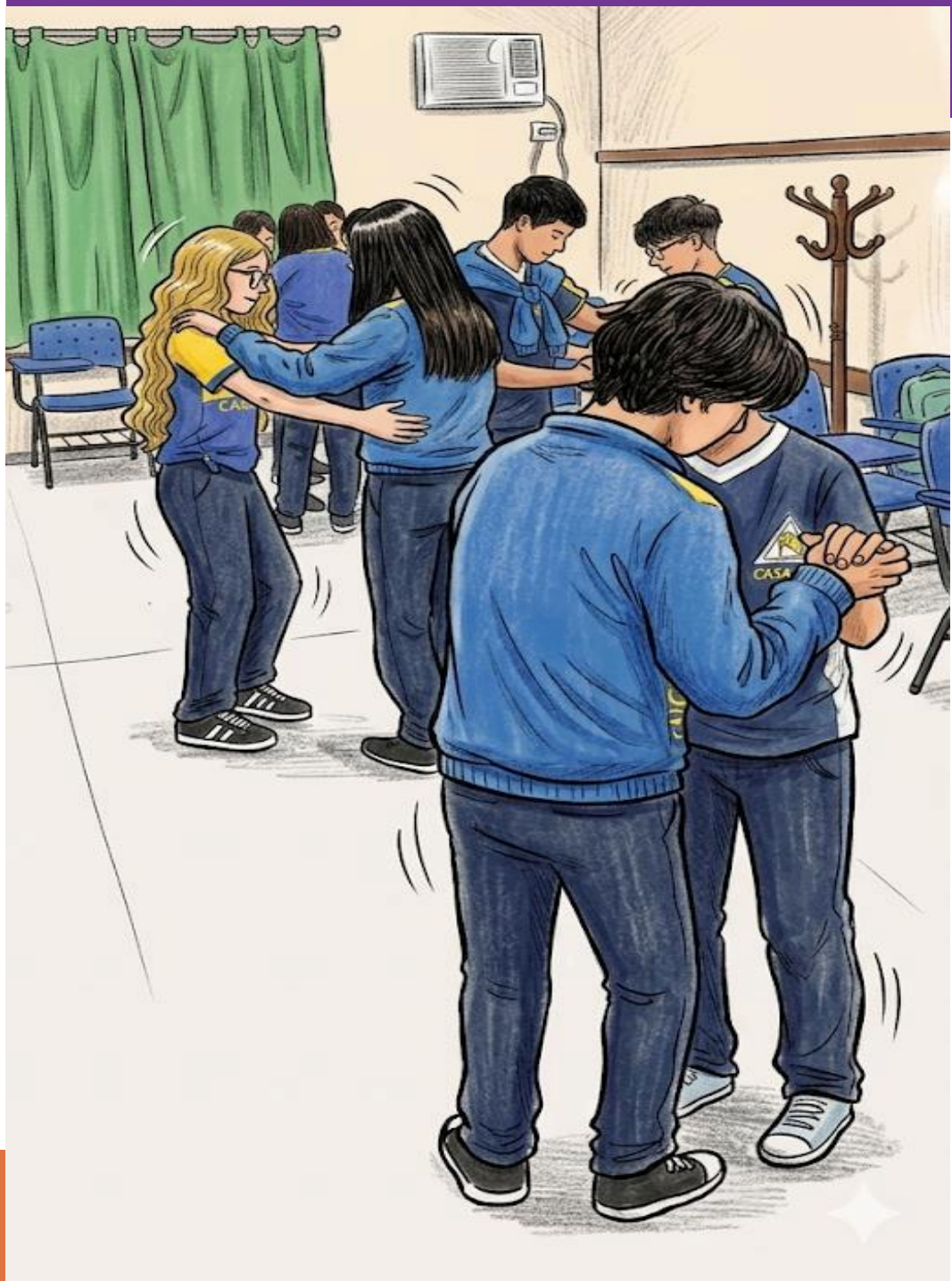


DANÇA E GÊNERO NA ESCOLA:

Coeducando corpos e expressões

CADERNO PEDAGÓGICO
Edição Especial | 2026

JÉSSICA CAVALCANTE



Ficha Catalográfica

(Catalogação elaborada por Alciana Azevêdo dos Santos, CRB 11/630)

C376d	Cavalcante, Jéssica Dança e gênero na escola: coeducando corpos e expressões: caderno pedagógico: edição especial / Jéssica Cavalcante. - Parintins: UFAM, 2026. 37 f. : il., color. Recurso educacional elaborado como parte das exigências do Mestrado Profissional em Educação em Rede Nacional – PROEF, da Universidade Federal do Amazonas. Instituto de Ciências Sociais, Educação e Zootecnia. 1. Dança. 2. Identidade de gênero na dança. 3. Educação física (Ensino Fundamental). I. Universidade Federal do Amazonas. <i>Programa de Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional</i> - PROEF. II. Título. CDU 1987: 793.3
-------	---

SUMÁRIO

1 SOBRE O CADERNO PEDAGÓGICO	3
2 APRESENTAÇÃO	4
3 CORPOS EM DIÁLOGO: DANÇA, GÊNERO E CONVIVÊNCIA NA ESCOLA COEDUCATIVA	5
4 DESFAZENDO NÓS, CONSTRUINDO PONTES: GÊNERO E COEDUCAÇÃO NA PRÁTICA ESCOLAR	7
5 DANÇAS URBANAS: QUEBRANDO O MURO DA MASCULINIDADE HEGEMÔNICA	11
6 DANÇA DE SALÃO: SUBVERTENDO PAPÉIS RÍGIDOS DE CONDUÇÃO	14
7 SEQUÊNCIA PEDAGÓGICA: INTRODUÇÃO	18
8 SEQUÊNCIA PEDAGÓGICA: BOI BUMBÁ (6º AO 9º)	21
9 SEQUÊNCIA PEDAGÓGICA: FORRÓ (8º E 9º ANO)	24
10 SEQUÊNCIA PEDAGÓGICA: DANÇAS URBANAS (6º E 7º ANO)	27
11 SEQUÊNCIA PEDAGÓGICA: SAMBA DE GAFIEIRA (8º E 9º ANO)	29
12 CONSIDERAÇÕES FINAIS	31
REFERÊNCIAS	32

1 SOBRE O CADERNO PEDAGÓGICO

A Escola Estadual Professor Aderson de Menezes localiza-se na periferia da cidade de Parintins, Amazonas, consolidando-se como um importante núcleo educacional para a comunidade local. Atendendo atualmente um corpo discente de 302 alunos, a instituição organiza suas atividades nos turnos matutino e vespertino, abrangendo o segmento do 6º ao 9º ano do Ensino Fundamental.

Por ser uma escola de pequeno porte, o espaço físico apresenta limitações geográficas para o desenvolvimento de atividades de grande amplitude. No entanto, essa característica impõe o desafio da criatividade pedagógica: a ressignificação dos espaços reduzidos em ambientes de aprendizagem dinâmica.

Trabalhar em uma estrutura compacta exige um planejamento minucioso, onde cada metro quadrado é aproveitado para promover a interação, o movimento e o conhecimento, respeitando as especificidades de uma escola inserida no contexto amazônico.

Nossa atuação fundamenta-se no compromisso com a realidade social dos alunos da periferia parintinense. O foco reside em oferecer um ensino que integre o rigor acadêmico à valorização da cultura regional, buscando superar as barreiras físicas através de estratégias didáticas que estimulem o protagonismo juvenil e a cidadania.

Este CADERNO PEDAGÓGICO serve, portanto, como instrumento de registro e reflexão de uma prática docente que entende a escola não apenas como um prédio, mas como um espaço vivo de transformação, independentemente de suas dimensões físicas.

2 APRESENTAÇÃO

É com grande satisfação que apresentamos o caderno pedagógico: Dança e Gênero na Escola – coeducando corpos e expressões, resultado da pesquisa “A dança nas aulas de Educação Física: as relações de gênero na perspectiva da coeducação” pensado para enriquecer as práticas na Educação Física transformando as aulas de dança num espaço de reflexão, respeito e inclusão, objetivando propor uma sequência pedagógica que contemple as turmas do ensino fundamental II (6º ao 9º ano) a partir das aplicações.

Nossa sociedade ainda perpetua estereótipos de gênero fazendo com que muitos de nossos alunos se limitem no desenvolvimento de sua expressividade. A dança enquanto linguagem corporal universal mostra-se um campo rico e acessível para desconstruir essas barreiras e construir novos significados. Na escola, o mais comum é que o ensino da dança acabe reproduzindo normatizações como: meninos sendo desencorajados a dançar, dança de menina e dança de menino e o próprio professor tendo dificuldades para resolver esses conflitos.

Este caderno pedagógico foi elaborado com o propósito de um compromisso com a valorização da equidade de gênero e a coeducação buscando orientar, inspirar e fortalecer o trabalho do educador. Aqui reunimos, em uma sequência pedagógica, atividades que sejam reflexivas e que busquem ampliar o olhar sobre o processo de ensino e aprendizagem valorizando a experiência dos alunos e estimulando o diálogo com a realidade escolar.

Nas páginas seguintes, você encontrará atividades práticas reflexivas que buscam: desconstruir estereótipos, promover a coeducação, estimular a reflexão crítica e fortalecer a expressão e a autonomia dos alunos. Que este caderno seja um companheiro nos seus planejamentos, inspirando novas formas de aprender e ensinar contribuindo para um futuro onde a dança seja, de fato, para todos e todas.

Desejamos uma prática pedagógica rica e inspiradora!

3 CORPOS EM DIÁLOGO: DANÇA, GÊNERO E CONVIVÊNCIA NA ESCOLA COEDUCATIVA



A dança na escola tem um papel fundamental no desenvolvimento corporal do aluno, assim como também é uma ferramenta artística poderosa, onde os corpos mostram uma expressividade muitas vezes incompreendida e demonizada. Ao dançar esse aluno precisa conhecer o próprio corpo, limites e potencialidades de se expressar.

Dentre os muitos desafios encontrados no espaço escolar, vamos nos deparar com as convenções de gênero que são frequentemente manifestadas nas aulas de dança tornando-se um entrave ao aprendizado de forma completa. Noronha e Zanetti (2023) destacam que as questões de dança e gênero são muito evidenciadas no espaço escolar, levando os alunos a persistirem que a dança pertence ao universo feminino. E ainda demonstrando que a sociedade insiste nos papéis do que é ser feminino e masculino nesses locais.

E para que essa dança não seja definida por papel de gênero e se torne mais inclusiva, a coeducação aparece como uma ferramenta que auxilia na desconstrução de estereótipos e promove uma experiência mais rica para todos os alunos.

A prática de educar meninos e meninas juntos vai muito além de apenas juntá-los nas aulas. Auad (2019) coloca que a dança é um importante conteúdo da Educação Física que pode romper fronteiras entre o masculino e o feminino nas aulas. Nela os diferentes tipos de corpos, independente de peso ou aparência, devem ser olhados com atenção e carinho a partir de atividades que desenvolvam suas habilidades físicas e psíquicas. E Louro (1997) destaca que as diferenças de gênero são construções sociais, e que a escola tem papel central na reprodução ou superação dessas desigualdades; assim, práticas coeducativas tornam-se essenciais para uma educação mais democrática.

4 DESFAZENDO NÓS, CONSTRUINDO PONTES: GÊNERO E COEDUCAÇÃO NA PRÁTICA ESCOLAR

A escola não é apenas um local onde os conhecimentos acadêmicos são transmitidos; ela é, fundamentalmente um território de socialização onde diferentes identidades convivem todos os dias e procuram significados e valores a serem construídos. A compreensão das relações de gênero, nesse espaço escolar, exige um aprofundamento de conceitos que ajudam a problematizar e naturalizar as práticas pedagógicas e a partir daí repensar uma educação com princípios de equidade e respeito à diversidade. Nesta seção, discutiremos os conceitos de coeducação, cisgeneridade, binaridade de gênero e normas binárias de gênero, articulando-os com reflexões teóricas fundamentais para a construção de práticas pedagógicas inclusivas, especialmente no âmbito da Educação Física e da dança.

BINARIDADE DE GÊNERO

A binaridade de gênero é o modelo social e cultural que organiza a humanidade em duas categorias estritas, opostas e mutuamente excludentes: o masculino e o feminino. Esse sistema pressupõe que toda e qualquer pessoa deve se encaixar perfeitamente em uma dessas duas caixas, baseando-se estritamente na anatomia biológica do nascimento. Está presente em diferentes situações da escola, como na divisão de atividades, nas expectativas de comportamento e, especialmente, nas aulas de Educação Física e dança. “O binarismo de gênero opera como uma matriz que não apenas classifica os corpos, mas também hierarquiza as experiências humanas, definindo o que é 'normal' e o que é 'desviante' desde a mais tenra infância” (Louro, 2021, p. 42). Reforçando que, ele não apenas diferencia, mas hierarquiza, atribuindo maior valorização a determinadas expressões corporais em detrimento de outras

A filósofa Judith Butler, em sua obra *Problemas de Gênero* (2016), aprofundou a discussão colocando que gênero além de uma construção social é complexo e fluído. E que essa significação cultural é performativa não sendo algo fixo e natural. Isso mostra que os corpos aprendem, ao longo do tempo, como devem se movimentar, se expressar e ocupar

os espaços, de acordo com expectativas sociais relacionadas ao gênero.

Encontramos ainda em Scott (1995) que gênero é um termo utilizado para designar os sexos e suas relações sociais como uma forma de indicar construções culturais. No trabalho com a dança, o conhecimento desse conceito favorece a criação de propostas que não reforcem barreiras já a muito tempo obrigatórias, onde todos os estudantes possam experimentar movimentos, ritmos e expressões corporais sem restrições impostas por expectativas de gênero.

NORMAS BINÁRIAS DE GÊNERO

As normas binárias de gênero funcionam como dispositivos reguladores que definem quais corpos, gestos e expressões são socialmente aceitáveis. Segundo Butler (2019), essas normas produzem corpos inteligíveis, ao mesmo tempo em que excluem ou deslegitimam aqueles que não se adequam a elas. Elas ditam os comportamentos, as expectativas, as roupas, as profissões e até as emoções permitidas para cada um dos sexos. Na escola, isso se reflete em frases como "isso é coisa de menino" ou na divisão clássica de filas e brinquedos.

[...] Os gêneros inteligíveis estão condicionados à heterossexualidade, e essa precisa da complementaridade dos gêneros para justificar-se como norma. [...] A escola, que se apresenta como uma instituição incapaz de lidar com a diferença e a pluralidade, funciona como uma das principais instituições guardiãs das normas de gênero e produtora da heterossexualidade (Bento, 2011, p. 553).

Como um espaço privilegiado de produção, a escola acaba ditando regras que muitas vezes marcam a trajetória dos alunos. São impactos que muitas vezes geram sofrimento e silenciam as vozes daqueles que não performam o gênero esperado pela

sociedade. Se a binaridade é a estrutura, as normas binárias de gênero são as regras do jogo. Elas ditam os comportamentos, as expectativas, as roupas, as profissões e até as emoções permitidas para cada um dos sexos. Na escola, isso se reflete em frases como "isso é coisa de menino" ou na divisão clássica de filas e brinquedos.

A noção de gênero, frequentemente percebida como um constructo fixo, tem sido desafiada por discursos que promovem uma fluidez essencial, reconhecendo que as identidades são moldadas por contextos históricos, culturais e sociais, conforme argumentam Nascimento *et al.* (2021). Esse reconhecimento implica uma desconstrução

das normas tradicionais que delimitam o que é considerado masculino e feminino, abrindo espaço para uma pluralidade de expressões de gênero que desafiam as categorias binárias

No contexto da dança escolar, tais normas podem gerar resistências, constrangimentos e até rejeição da prática por parte dos estudantes.

CISGENERIDADE

O termo “cisgênero” é um conceito que abarca as pessoas que se identificam com o gênero que lhes foi determinado quando de seu nascimento, ou seja, as pessoas não-transgênero” (Jesus, 2012). Essa pessoa tem a identidade de gênero alinhada com o sexo que lhe foi atribuído no momento do nascimento. Discutir a cisgeneridade na escola é fundamental para tirá-la do lugar de “o padrão universal e invisível” e entendê-la como *uma* das possibilidades de existência, e não a única legítima. “Nomear a cisgeneridade é um passo político crucial para desnaturalizar a norma. Quando não nomeamos o privilégio cisgênero, transformamos a transgeneridade em um ‘problema’ a ser resolvido, em vez de uma manifestação da diversidade humana” (Vergueiro, 2015, p. 58).

Conforme discute **Judith Butler**, as normas de gênero são construídas socialmente por meio de repetições que produzem efeitos de naturalização, tornando algumas identidades legítimas e outras invisíveis ou marginalizadas (Butler, 2019).

Quando a cisgeneridade não é questionada nas aulas de Educação Física, práticas pedagógicas podem reforçar exclusões sutis, especialmente em atividades como a dança, onde expressões corporais que fogem ao esperado para determinado gênero costumam ser alvo de estranhamento, risos ou silenciamento.

COEDUCAÇÃO

A coeducação vai muito além de simplesmente colocar meninos e meninas na mesma sala de aula (o que chamamos de escola mista). Coeducar significa intervir ativamente para que a convivência neutralize as hierarquias de gênero, garantindo os mesmos direitos de desenvolvimento, voz e liderança a todas as identidades. Para Guacira Lopes Louro, a escola não apenas reflete as normas de gênero da sociedade, mas também participa ativamente da sua produção e legitimação, podendo igualmente atuar como espaço de questionamento e transformação dessas normas (Louro, 2014).

Aulas coeducativas trazem essa quebra de estereótipos de gênero fazendo com que

meninos e meninas tenham as mesmas oportunidades de aprendizagem e convivência juntos. Uma escola mista sem reflexões e aprofundamentos sobre questões de gênero se torna palco para a desigualdade em seu meio. Auad (2019) coloca que a dança é um importante conteúdo da Educação Física que pode romper fronteiras entre o masculino e o feminino nas aulas. Nela os diferentes tipos de corpos, independente de peso ou aparência, devem ser olhados com atenção e carinho a partir de atividades que desenvolvam suas habilidades físicas e psíquicas.

TABELA RESUMIDA PARA CONSULTA RÁPIDA

CONCEITO	O QUE SIGNIFICA NA PRÁTICA?	COMO DESAFIAR NA ESCOLA?
Binaridade	Divisão do mundo apenas entre "homem" e "mulher".	Reconhecer e acolher identidades não-binárias.
Normas Binárias	Expectativas rígidas de comportamento para cada sexo.	Romper com a divisão de tarefas, cores e espaços por gênero.
Cisgeneridade	Alinhamento entre o parto e a identidade de gênero.	Garantir o uso do nome social e o respeito a estudantes trans.
Coeducação	Educação que questiona e supera as desigualdades de gênero.	Promover práticas pedagógicas integradas e debates reflexivos.

FONTE: Elaboração do Autor – 2026

5 DANÇAS URBANAS: QUEBRANDO O MURO DA MASCULINIDADE HEGEMÔNICA



As danças urbanas, entendidas como práticas corporais emergentes nos espaços públicos e midiáticos das cidades contemporâneas, vão muito além de um conjunto de movimentos estéticos. Elas funcionam como territórios de negociação de identidades, marcadores sociais e discursos sobre corpo, raça, gênero e sexualidade.

As Danças Urbanas (como Hip-Hop, Breaking, Locking, Popping, etc.) são estilos dinâmicos e de forte expressão individual que, apesar de sua origem culturalmente diversa, muitas vezes reproduzem ou enfrentam estereótipos de gênero no ambiente escolar.

No Brasil, a performance corporal é também um lugar de subjetivação política e nas danças urbanas o corpo não é apenas agente de movimento, mas agente de sentido (Mayer, 2010). Ainda no cenário brasileiro, essa dimensão política do corpo aparece com clareza na obra de Rodrigo Valença, que nas suas análises sobre o break e o hip hop brasileiro destaca como esses movimentos corporais são formas de disputa por espaço e legitimidade, pois “o corpo que dança em periferias brasileiras não apenas se move, mas se *afirma* contra imposições culturais que invisibilizam corpos racializados e pobres” (Valença, 2014, p. 78).

Esses deslocamentos corporais são atravessados por marcadores identitários como gênero e sexualidade. Gênero não emerge como dado neutro nas danças urbanas, mas como campo de conflito e negociação. Em sua pesquisa com DJs e performers de *street dance* no Rio de Janeiro, a antropóloga Suzana Camarano Amaral discute como heteronormatividade e machismo estruturam expectativas sobre corpos masculinos e

femininos, levando mulheres e variantes de gênero para posições periféricas ou à exigência de performances hiper-femininas e sexualizadas (Amaral, 2017).

Historicamente, algumas formas das Danças Urbanas, especialmente o Breaking e o Hip-Hop, foram associadas a uma expressão de masculinidade ligada à força, agressividade e presença dominante (como observado em depoimentos que relatam a pressão por movimentos "machistas" e a exclusão de expressões mais "afeminadas").

Nesse sentido, Luciana Martins argumenta que:

“[...] a dança urbana no Brasil, especialmente na cultura do hip hop e do passinho, não apenas espelha desigualdades de gênero, mas também pode **subvertê-las** quando corpos femininos e não-binários ocupam o centro da cena, reformulando a hierarquia do olhar e dos gestos” (Martins, 2019, p. 112).

Para além da academia, a própria cena das danças urbanas no Brasil experimenta tensões com a heteronormatividade. Célia de Oliveira discute como coletivos de dança formados por mulheres, travestis e pessoas não-binárias (como o coletivo Negras Negritudes ou grupos de *voguing*) subvertem a norma heterossexual e patriarcal ao promoverem espaços de cuidado, performance e resistência no meio urbano, e assim, “vogue e outras danças urbanas queer tornam visíveis corpos que historicamente foram silenciados pelo repertório hegemônico de gênero” (Oliveira, 2020, p. 203).

Assim, as danças urbanas no Brasil se configuram como um espaço de luta política e social, onde o corpo é atravessado por questões raciais, de classe, de gênero e sexualidade, e onde a performance corporal constitui uma linguagem crítica às normas hegemônicas.



A CONTRIBUIÇÃO DA COEDUCAÇÃO: A coeducação no ensino das Danças Urbanas torna-se uma ferramenta de empoderamento e desconstrução. Ao educar meninos e meninas juntos, a escola pode:

Ampliar o Repertório Motor

Incentivar todos os alunos a explorar a gama completa de movimentos, desafiando a noção de que certos passos são "de menina" (como o rebolado ou movimentos mais sinuosos) e outros são "de menino" (como a força e a acrobacia), conforme evidenciam os relatos de alunos que modificam passos para "não ficar tão feminino".

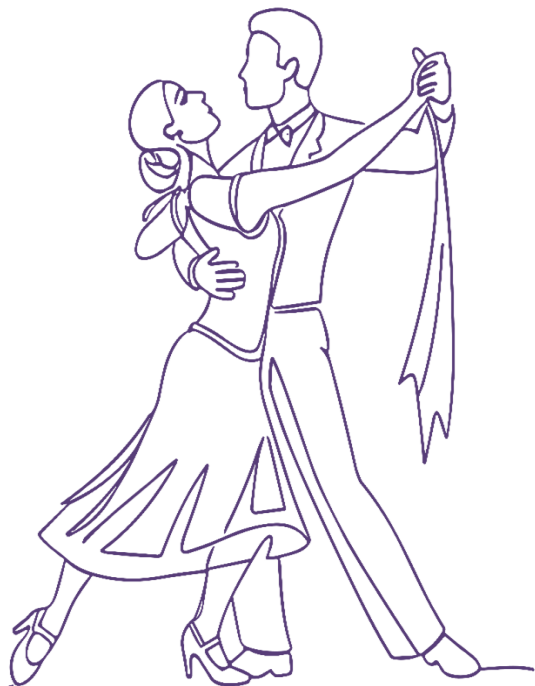
Promover o Respeito pela Expressão Individual

Criar um espaço onde a expressividade do corpo não seja julgada por normas binárias de gênero, mas sim valorizada por sua singularidade e potência artística. O objetivo não é desvalidar a expressão cisgênera ou heterossexual, mas desconstruir sua posição de privilégio e normalidade única.

Mudar a Dinâmica do Grupo

O convívio coeducativo e a prática conjunta podem diminuir a timidez e a vergonha, permitindo que o contato corporal e a experimentação sejam vistos como parte do processo de aprendizagem da dança, e não como um ato sexualizado ou de "malícia".

6 DANÇA DE SALÃO: SUBVERTENDO PAPÉIS RÍGIDOS DE CONDUÇÃO



A dança de salão compreende danças de casal caracterizadas por técnica padronizada, elegância e contato corporal. Seu desenvolvimento está vinculado à história social europeia, passando de privilégio da elite a fenômeno cultural global (Britannica, 2024).

Sua particularidade de formação de duplas heterossexuais (onde um indivíduo “conduz” e outro “segue”) e a necessidade de contato corporal próximo, expõe de maneira ainda mais evidente a reprodução de normas sociais e de gênero.

DANÇAS DE SALÃO COMO DISPOSITIVO DE GÊNERO

Para delimitar o conceito de dança de salão na literatura nacional, faz-se indispensável recorrer a formulações que transcendam o movimento puramente mecânico. Zamoner (2013) conceitua a dança de salão como uma atividade essencialmente relacional, na qual o encontro com o outro atua como mediador fundamental da comunicação corporal e da subjetividade. Dialogando diretamente com essa perspectiva, Costa (2018) expande o entendimento do termo ao apontar que o microcosmo do salão opera sob códigos estritos de etiqueta, postura e distinção que herdaram valores civilizatórios profundamente enraizados em dinâmicas históricas de exclusão e demarcação de classes.

Essa teia conceitual é endossada e complementada por Castilho (2015), que defende que as danças sociais corporalizam narrativas culturais vivas. Sob a ótica da autora, o aprendizado de um determinado ritmo — seja o samba de gafieira, o forró ou o bolero — não se restringe à apropriação técnica de um repertório motor, mas abrange o aprendizado de um modo específico de estar no mundo e de performar identidades sociais. Portanto, os autores convergem na premissa de que a dança de salão não é um fenômeno

isolado, mas sim um território propício para a inscrição e a circulação de discursos ideológicos dominantes.

O modelo tradicional da Dança de Salão é profundamente marcado por um sistema binário de Condução (homem/cavalheiro) e Seguimento (mulher/dama). Historicamente compreendida no senso comum como mera prática de lazer, entretenimento e socialização. Longe de constituir um espaço neutro de passos coreografados e interações despretensiosas, o salão atua como um espelho que reflete, tensiona e reproduz as estruturas sociais de seu tempo e espaço

A dança de salão pode ser compreendida como um dispositivo pedagógico que produz corpos generificados. Carolina Polezi e Débora Reis Pacheco argumentam que os modos de ensinar e vivenciar a dança reforçam padrões de masculinidade e feminilidade, associando iniciativa, força e liderança ao homem, enquanto atribuem à mulher a docilidade e a obediência (Polezi; Pacheco, 2024).

Essas relações evidenciam que a dança de salão não apenas reflete desigualdades sociais, mas atua ativamente na sua manutenção, especialmente quando ensinada de forma acrítica.

PAPÉIS TRADICIONAIS E HETERONORMATIVIDADE

A divisão entre dama e cavalheiro é analisada criticamente por Bruno Blois Nunes e Maitê Peres de Carvalho, que destacam como esses papéis reforçam uma lógica cis-heteronormativa ao vincular gênero, função e comportamento na dança (Nunes; Carvalho, 2020).

Segundo os autores, tal estrutura invisibiliza identidades dissidentes e legitima relações hierárquicas que posicionam o homem como líder natural da dança, contribuindo para a reprodução de práticas machistas nos espaços de ensino e socialização da dança.

Em um estudo referencial sobre o tema, Amaro (2019) investiga os mecanismos de exclusão que operam sobre corpos dissidentes, homossexuais e transgêneros nesse ambiente. O autor argumenta que a insistência cega na performance de uma masculinidade viril e de uma feminilidade frágil transforma o salão em um aparato de vigilância mútua de gênero. Nesse ecossistema, qualquer desvio ou desalinhamento em relação à norma heterossexual vigente é frequentemente coibido por meio do olhar de reprovação coletiva, do isolamento social ou da própria exclusão pedagógica promovida por metodologias de ensino refratárias à diversidade (Amaro, 2019).

CONDUÇÃO, PODER E MACHISMO

A condução é um dos elementos centrais nas discussões sobre gênero nas danças de salão. Anderson Luiz Barbosa Martins, em diálogo com Polezi, compreende a condução como uma tecnologia de poder que organiza relações assimétricas entre os corpos (Polezi; Martins, 2019).

Quando naturalizada como atributo masculino, a condução reforça o controle do corpo feminino e sustenta discursos machistas. No entanto, os autores apontam para possibilidades de ruptura, como a condução e a contra condução, que propõem relações mais horizontais e baseadas na escuta corporal.

POSSIBILIDADES PEDAGÓGICAS E RUPTURAS

As produções acadêmicas também evidenciam práticas que tensionam os modelos tradicionais. Paola de Vasconcelos Silveira analisa pedagogias insurgentes que propõem a troca de papéis, a condução compartilhada e a problematização explícita das normas de gênero nas danças de salão (Silveira, 2020). Na prática da dança a perspectiva da coeducação traz a promoção da igualdade, do respeito e da valorização da diversidade.

Na realidade cotidiana da Educação Física, encontram-se práticas corporais que são objetos de ensino e que, quando pensados para todos e todas, chamam a atenção sobre os processos culturais vivenciados pelos meninos e pelas meninas e que resultam em representações sociais diferenciadas, para homens e mulheres, em relação a muitas dessas práticas, como por exemplo, a dança (Saraiva, 2002, p. 1)

Essas propostas contribuem para a construção de aulas mais democráticas, nas quais todos os estudantes possam experimentar diferentes formas de conduzir e ser conduzidos, independentemente de gênero. Assim, a dança de salão pode se tornar um conteúdo potente para o debate sobre respeito, diversidade e equidade nas aulas de Educação Física.

A CONTRIBUIÇÃO DA COEDUCAÇÃO: A coeducação, neste contexto, implica em subverter os papéis fixos para promover uma pedagogia mais inclusiva e democrática:

Condução Não-Binária (Ensino Invertido)

A prática coeducativa deve adotar proposições didático-pedagógicas que não estejam

centradas em binarismos. Isso significa ensinar todos os alunos — meninos e meninas, independentemente de sua identidade ou orientação — a dominar tanto o papel de condutor quanto o de seguidor.

Foco na Relação e Sensibilidade

Ao dissociar a condução do gênero, a aula de dança passa a valorizar a comunicação, a sensibilidade corporal e a escuta mútua entre os parceiros, transformando a dança de um mero protocolo em uma negociação de movimentos entre dois corpos.

Legitimação de Pares Diversos

A escola, ao aplicar a coeducação na dança de salão, valida a dança entre pares do mesmo sexo ou entre pares não-binários, desmistificando a ideia de que a modalidade é um rito heteronormativo e garantindo que o aprendizado seja viável para todos os corpos.

7 SEQUÊNCIA PEDAGÓGICA: INTRODUÇÃO (6º AO 9º ANO)

TEMA DA AULA

EXPLORANDO E ENTENDENDO ÀS QUESTÕES DE GÊNERO

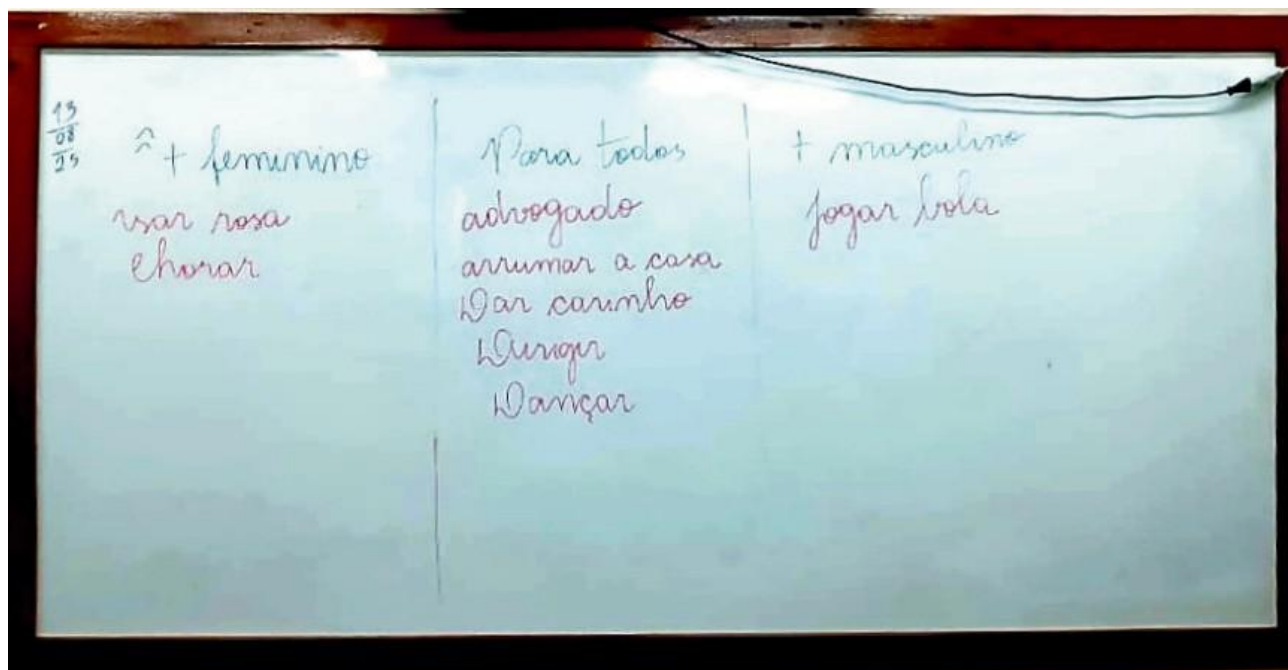
OBJETIVOS

- Promover a conscientização, o respeito e a compreensão sobre a diversidade de identidades e expressões de gênero;
- Identificar estereótipos de gênero presentes nas atividades físicas;
- Refletir sobre como o gênero influencia a participação e a percepção das práticas corporais.



MATERIAIS

- TV
- Caixa de Som
- Espaço seguro
- Playlist Variada



respeito do tema gênero. Será levantada questões como: Se eles/elas conhecem algo sobre gênero; se eles/elas acham que sexo e gênero são a mesma coisa; Se homens e mulheres tem as mesmas oportunidades nas práticas corporais.

Nesse momento é apresentado a definição de gênero e sexo, identidade de gênero, expressão de gênero e a diversidade de gênero. Após essa conversa introdutória, os alunos assistirão a pequenos vídeos de diferentes estilos de dança (forró, hip hop, balé, samba, breaking, zouk, danças urbanas, bolero).

DESENVOLVIMENTO DA AULA

Com base nos vídeos assistidos, os alunos serão levados a questões importantes como: Quem pode dançar cada estilo apresentado nos vídeos? Já ouviram alguém dizer que determinada dança é “para meninos” ou “para meninas”? A seguir, a turma será dividida em grupos mistos. E ao som de dois estilos musicais contrastantes, os alunos/alunas experimentam o que é considerado “masculino” e “feminino” pela cultura popular. Após essa primeira experiência, eles trocarão de papéis para que todos possam experimentar os estilos das duas perspectivas.

RODA DA CONVERSA FINAL

Após o término, voltar a fazer uma roda e questionar os alunos sobre as impressões da aula: se tiveram alguma dúvida; alguma dificuldade na realização das atividades e o que mais chamou a atenção deles; o que sentiram ao dançar estilos diferentes; alguma surpresa ou mudança de opinião sobre gênero e dança; relacionar as atividades com a importância do respeito e da liberdade de expressão.

8 SEQUÊNCIA PEDAGÓGICA: DANÇAS URBANAS (6º E 7º ANO)

TEMA DA AULA

DANCAS URBANAS: O EU, O OUTRO E NÓS

HABILIDADES DA BNCC

EF67EF11: Experimentar, fruir e recriar danças urbanas, identificando seus elementos constitutivos (ritmos, espaço, gestos).

EF67EF12: Planejar e utilizar estratégias para aprender elementos constitutivos das danças urbanas.

EF67EF13: Diferenciar as danças urbanas das demais manifestações da dança, valorizando e respeitando os sentidos e significados atribuídos a eles por diferentes grupos sociais.

OBJETIVOS

- Experimentar movimentos básicos de diferentes estilos de dança urbanas;
- Compreender a origem e a importância sociocultural das danças como manifestação cultural;
- Promover a participação equitativa de meninos e meninas nas atividades de dança;
- Problematicar as práticas corporais (dança) estereotipadas pela sociedade e perceber que a dança é para todos sem distinção de gênero.

MATERIAIS

- Sistema de som (caixa de som, celular, notebook);
- Playlist com músicas de danças urbanas (hip hop, funk, R e B, Rap)

RODA DE CONVERSA INICIAL

Na roda inicial, os alunos serão questionados sobre o que sabem da dança: Como ela é? O que eles acham sobre trabalhar em grupo? Fazer uma breve apresentação das danças urbanas: que surgiram nas ruas como forma de expressão e união das comunidades especialmente ligadas a cultura hip hop. Mencionar que são danças para todos sem distinção. Após essa introdução o professor/a deve mostrar aos alunos/as vídeos sobre apresentações do ritmo.

DESENVOLVIMENTO DA AULA

O RITMO DO MEU CORPO: Nessa dinâmica, os alunos/as serão convidados/as a se espalhar de forma aleatória pelo espaço. Ao som de uma música animada de danças urbanas, eles se movimentam livremente pelo espaço explorando seus movimentos. O professor lança comandos específicos como (bater palmas, bater os pés, girar os braços, agachar e andar em diferentes velocidades) para que os alunos possam explorar o ritmo com o corpo.



ESPELHO DE RUA

Para essa dinâmica, os alunos serão divididos em duplas mistas (menino e menina). Quando a música toca, um integrante da dupla faz um movimento de acordo com o que aprendeu na atividade anterior e o colega imita como se fosse um espelho. Depois trocam-se os papéis para a continuidade da atividade. Importante salientar que os alunos podem criar seus próprios movimentos aqui.



RODA ANIMADA

Aqui será formada uma roda onde os alunos serão convidados a mostrar o que aprenderam na aula de hoje e também o que conseguiram criar. É importante que o professor incentive os aplausos de todos como forma de estabelecer um ambiente harmonioso de apoio e não de julgamento.



RODA DE CONVERSA FINAL

Na roda final de conversa, questionar os alunos sobre as impressões da aula: se tiveram alguma dúvida; como se sentiram ao dançar na aula de hoje; se eles perceberam que meninas e meninos dançam diferente ou da mesma forma fazendo os mesmos movimentos, alguma dificuldade na realização das atividades; se eles acham que as danças urbanas podem ajudar a gente entender que todos podem dançar, independente do gênero. É sugerido também que o professor auxilie os alunos na construção de cartazes onde os mesmos mostrem o que aprenderam na aula.

9 SEQUÊNCIA PEDAGÓGICA: FORRÓ (8º E 9º ANO)

TEMA DA AULA

DUPLAS QUE DANÇAM, GÊNEROS QUE DIALOGAM (FORRÓ)

HABILIDADES DA BNCC

EF89EF12: Experimentar e fruir um ou mais tipos de danças de salão, valorizando a diversidade cultural e respeitando a tradição dessas culturas.

EF89EF14: Discutir estereótipos e preconceitos relativos às danças de salão, e demais práticas corporais, propondo alternativas para a sua superação.

OBJETIVOS

- Experimentar os passos básicos do forró, como a base do "dois pra lá, dois pra cá".
- Compreender a origem cultural e os estilos do forró;
- Experimentar os dois papéis na dança (condução e acompanhamento), promovendo a equidade de gênero
- Refletir sobre estereótipos e preconceitos presentes nas danças sociais

MATERIAIS

- Sistema de Som (Caixa de Som, Notebook e Celular);
- Músicas de Forró (preferencialmente forró pé de serra ou universitário, com ritmo claro e acessível);
- Espaço Amplo.



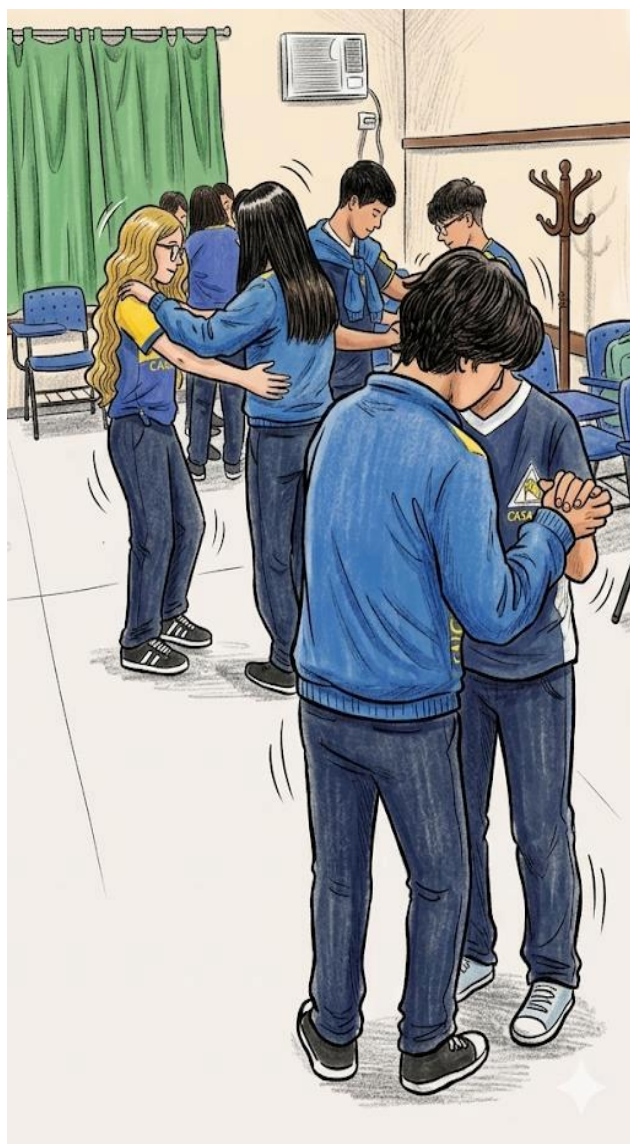
RODA DE CONVERSA INICIAL

Na roda inicial, o professor questiona os alunos sobre os seus conhecimentos do Forró: de onde eles acham que vem, quais as ocasiões que se dança e se eles já dançaram. Após esse momento será explicado a origem popular do Forró e sua importância cultural mostrando trechos de músicas e pequenos vídeos.

O professor deixa a seguinte questão para que os alunos reflitam: “Na dança, quem deve conduzir? Por quê?”

Dinâmica “Explorando o local”: Ao som de uma música de forró, os alunos devem caminhar no espaço para sentir o ritmo procurando movimentar o corpo como sentir vontade.

Dinâmica “Ritmo do Pé de Serra”: Nessa dinâmica, os alunos farão movimentos de forró de forma individual. Ao som da música de forró e ao comando do professor, os alunos devem bater os pés no chão no ritmo da música (pé-pé-chão, pé-pé-chão), explorando o deslocamento para os lados, para frente e para trás.



DESENVOLVIMENTO DA AULA

Na parte principal da aula será mostrado aos alunos os passos simples do forró. Aqui os alunos devem estar de forma individual e prestando a atenção na base o "dois pra lá, dois pra cá" com o balanço do quadril.

Dinâmica "Pessoas que conduz e Pessoas que são conduzidas": o professor pede aos alunos que formem duplas e incentiva que os pares sejam mistos, sem forçar. O importante é que todos se sintam à vontade. Esse momento será para a prática dos passos aprendidos, e na primeira rodada, um membro da dupla será a pessoa que conduz (quem convida e guia o passo) e o outro será a pessoa conduzida (quem segue e se adapta ao passo).



Importante deixar que a dupla decida quem fará cada papel. O professor orienta que a condução no forró é feita com a mão nas costas e um leve direcionamento do corpo, e que a comunicação é o mais importante. A pessoa conduzida deve ser sensível ao movimento, mas pode sugerir caminhos também.



10 SEQUÊNCIA PEDAGÓGICA

SAMBA DE GAFIEIRA 8º e 9º ANO

TEMA DA AULA

DUPLAS QUE DANÇAM, GÊNEROS QUE DIALOGAM (SAMBA DE GAFIEIRA)

HABILIDADES DA BNCC

EF89EF12: Experimentar e fruir um ou mais tipos de danças de salão (como o Samba de Gafieira), valorizando a diversidade cultural.

EF89EF14: Discutir estereótipos e preconceitos relativos às danças de salão e demais práticas corporais, propondo alternativas para a sua superação.

OBJETIVOS

- Experimentar os passos básicos do Samba de Gafieira, desenvolvendo ritmo e consciência corporal;
- Compreender a história e importância cultural do samba de gafieira;
- Praticar os papéis de condução e de seguimento, independentemente do gênero, desconstruindo a ideia de que um é para homens e o outro para mulheres;
- Refletir sobre estereótipos de gênero presentes nas danças de salão e propor práticas inclusivas.

MATERIAIS

- Sistema de Som;
- Músicas de Samba de Gafieira (diferentes velocidades);
- Espaço Amplo, Seguro e Limpo.

RODA DE CONVERSA INICIAL

Na roda inicial, o professor propõe uma conversa inicial sobre o samba de gafieira explanando a origem no Rio de Janeiro, a influência africana e importância cultural.

DESENVOLVIMENTO DA AULA



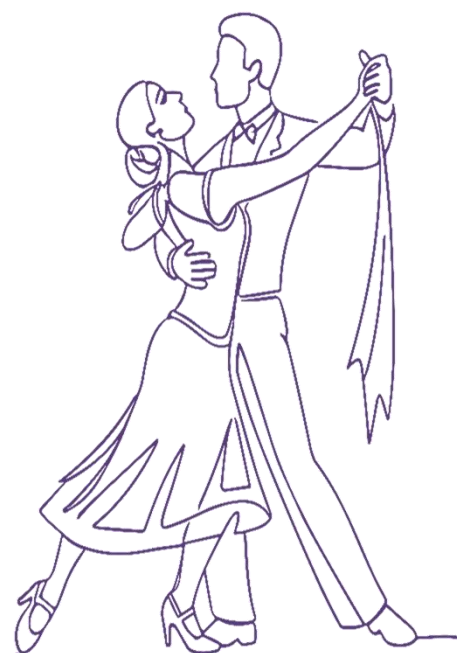
Após contextualização, são feitas perguntas aos alunos: “Na dança de salão, quem geralmente conduz? Por quê? Isso precisa ser assim?” “Muitas vezes, a gente tem uma ideia de que o homem lidera e a mulher segue. O que vocês acham disso? Essa regra faz sentido para vocês?”

Como forma de aquecimento, uma música será colocada para que os alunos caminhem livremente pela sala sentindo o ritmo.

Dinâmica “Balada no Samba”: nessa atividade, será usada a transferência de peso de uma perna para outra caracterizado como “balanço” na gafieira.

RODA DE CONVERSA FINAL

Reunidos em círculo para o encerramento, os alunos serão questionados a respeito da aula: Como foi a experiência de trocar de papel na dança? Foi mais fácil ou difícil liderar? E seguir? Por quê? O que vocês sentiram quando um(a) colega do gênero oposto liderou? A forma de conduzir foi diferente da que você esperava? Pensando nas nossas ideias sobre ‘homem e mulher, por que a ideia de que o homem lidera na dança e a mulher segue é tão forte? Que outras regras parecidas a gente segue sem pensar, no dia a dia? O que a gente aprendeu hoje com o Samba de Gafieira sobre a importância do respeito e da igualdade entre homens e mulheres?



SEQUÊNCIA PEDAGÓGICA

BOI BUMBÁ 6º e 9º ANO

TEMA DA AULA

BOI BUMBÁ: RAÍZES QUE DANÇAM

HABILIDADES DA BNCC

EF89EF12: Experimentar, fruir e recriar danças populares, valorizando a diversidade cultural e respeitando a tradição;

EF89EF14: Discutir estereótipos e preconceitos relativos às danças e práticas corporais, propondo alternativas.

OBJETIVO

- Vivenciar as diferentes possibilidades de danças da cultura da região norte (boi bumbá), valorizando-as como formas de expressão cultural; problematizar as práticas corporais (dança) estereotipadas pela sociedade; perceber que a dança é para todos sem distinção de gênero.

MATERIAIS

- Caixa de Som, TV

RODA DE CONVERSA INICIAL

Questionar os alunos sobre o que sabem da dança: Como ela é? Em uma breve conversa comentar algumas características como: a história, a cultura, música (toada) e instrumentos, vestimentas. Aqui também é mostrado um vídeo com um resumo do ritmo, como os passos foram evoluindo ao longo dos anos. Falar também que o ritmo de boi é muito forte na cultural local e dançado por homens e mulheres.

DESENVOLVIMENTO DA AULA

Com a mesma organização das aulas anteriores, os alunos: 1) Ouvirão as toadas, das mais antigas a mais atuais, e serão incentivados a se movimentar; 2) Apresentação dos

passos básicos (“dois pra lá, dois pra cá”) para a turma. Para que todos possam realizar os passos, a professora incentiva a junção dos alunos em duplas. E assim eles vão experimentando uma série de toadas se movimentando pela sala.

RODA DE CONVERSA FINAL

No encerramento da aula, o professor coloca algumas observações para que os alunos possam discutir: Houve vergonha ou timidez na hora de se movimentar? O ritmo de Boi pode ser dançado por meninos e meninas? Por que eles acham que muitas vezes o ritmo de Boi é caracterizado como feminino? Meninos e meninas puderam dançar igualmente? Houve alguma dificuldade ao realizar os passos básicos?

12 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao ser elaborado, este caderno pedagógico, procura servir como instrumento dinâmico e facilitador a prática docente. Ressaltamos que o processo de ensino-aprendizado é contínuo e pode ser construído todos os dias pelo papel de medição do professor junto ao aluno.

As atividades propostas neste material estão alinhadas a BNCC (Base Nacional Comum Curricular) que trazem o cumprimento de habilidades e competências na aplicação dos conteúdos essenciais para a formação integral de nossos alunos. Este material não é um roteiro rígido, mas o início de um trabalho onde o professor pode fazer suas adaptações e intervenções de acordo com,

Esperamos que este recurso pedagógico contribua para um planejamento mais assertivo e para a promoção de uma aprendizagem significativa e transformadora, onde o dançar seja mais leve, dinâmico e acima de tudo não haja diferenças.

REFERÊNCIAS

- AMARAL, Suzana Camarano. **Corpo, performance e pertencimento**: DJs, danças urbanas e gênero no Rio de Janeiro. São Paulo: Editora X, 2017.
- AMARO, Daniel. **Corpos (in)visíveis**: gênero e sexualidade na dança de salão. São Paulo: Editora Corpo & Cultura, 2019
- AUAD, D. **Educar meninas e meninos**: relações de gênero na escola. São Paulo: Contexto, 2019.
- BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular (BNCC)**. Brasília: MEC, 2018.
- BENTO, Berenice. “Na escola se aprende que a diferença faz a diferença”. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 19, n. 2, p. 549 – 559, 2011.
- BUTLER, Judith. **Problemas de gênero**: feminismo e subversão da identidade. 17. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2019.
- CASTILHO, Jacyan. **Corpo, cultura e performance nas danças sociais**. Rio de Janeiro: Anagrama, 2015
- COSTA, Leonor. **O salão como microcosmo**: distinção e sociabilidade nas danças a dois. Belo Horizonte: UFMG, 2018
- EHRENBERG, Mônica Caldas; GALLARDO, Jorge Sergio Pérez. **Dança e Educação Física Escolar**. Campinas: Papirus.
- LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação**: uma perspectiva pós-estruturalista. 18. ed. Petrópolis: Vozes, 2021.
- MAYER, Ruth. **Performance and Politics in Peripheral Urban Contexts**. São Paulo: Contexto, 2010.
- NUNES, Bruno Blois; CARVALHO, Maitê Peres de. Dama/Mulher, Cavaleiro/Homem: papéis e relações de gênero na dança de salão. **Art Research Journal**, v. 9, n. 2, 2020.
- OLIVEIRA, Graziela. **Danças Urbanas**: Contextualização, Estilos e Técnicas. Porto Alegre: Mediação, 2014.
- OLIVEIRA, Célia de. **Queer Urban Moves**: Relações de gênero e sexualidade nas danças urbanas brasileiras. Porto Alegre: Sulinas, 2020.
- POLEZI, Carolina; MARTINS, Anderson Luiz Barbosa. **Condução e contracondução na dança de salão**. Horizontes, v. 37, 2019.
- POLEZI, Carolina; PACHECO, Débora Reis. A política do corpo na dança de salão: gênero, disciplina e pedagogia nas pistas de baile. **Revista Brasileira de Estudos em Dança**, 2024.

SARAIVA, M. C. **Co-educação física e esportes: quando a diferença é mito**. 2. ed. Ijuí: Unijuí, 2002.

SILVEIRA, Paola de Vasconcelos. As damas rebeldes: pedagogias insurgentes nas danças de salão. **Art Research Journal**, 2020.

VALENÇA, Rodrigo. **Break, Hip Hop e periferias brasileiras: dança, território e identidade**. Salvador: Edufba, 2014.

VERGUEIRO, Viviane. Por um esvaziamento de bolsos cheios de privilégios: reflexões sobre a cisgeneridade. In: JESUS, Jaqueline Gomes de (Org.). **Transfeminismo: teorias e práticas**. Rio de Janeiro: Metanoia, 2015.

VICENTE, André Luiz Coutinho et al. Linguagem inclusiva de gênero na educação. **Diversidade e Educação**, v. 10, n. 1, p. 251-276, 2022.

ZAMONER, Maristela. **Dança de salão: conceitos, evolução e relações interpessoais**. Curitiba: InVerso, 2013

REFERÊNCIAS – MÚSICAS

A CONTAGEM. Intérprete: David Assayag. **Compositor: Joel Gama. In: O MELHOR DE 94-95-96. São Paulo: Universal Music International, 1996.**

A VIDA É DESAFIO. Intérprete: Racionais MC's, com a voz principal de Mano Brown e participação especial de Afro-X. **Compositor: Edi Rock. In: NADA COMO UM DIA APÓS O OUTRO DIA. Brasil: Cosa Nostra Fonográfica, 2002.**

AMARELO. Intérprete: Emicida, com Majur, Pablio Vittar, Zeca Pagodinho, Fernanda Montenegro, Gilberto Gil. **Compositores: Emicida, Vinicius Leonard Moreira, Damien Alain Faulconnier, Mario Caldato Júnior. In: (AMARELO). Brasil: Laboratório Fantasma (Selo Independente), 2019.**

ASA BRANCA. Intérprete: Luiz Gonzaga. **Compositores: Luiz Gonzaga e Humberto Teixeira. In: GRAVAÇÕES DIVERSAS. Estados Unidos: RCA Victor, 1947.**

CANTO DA MATA CADÊNCIA" – CANTO DA MATA. Intérprete: David Assayag. **Compositor: Alceo Anselmo. In: 85 Anos de Cultura. Rio de Janeiro: Universal Music, 1998.**

CHEGUEI. Intérprete: Ludmilla. **Compositores: Wallace Viana e André Vieira. In: A DANADA SOU EU. Brasil: Warner Music Brasil, 2016.**

COLO DE MENINA. Intérprete: Rastapé. **Compositores: Jorge Filho e colaboradores. In: HORA DE AVENTURA. São Paulo: Abril Music, 2002.**

CORAÇÃO EM DESALINHO. Intérprete: Zeca Pagodinho. **Compositor: Monarco. In: VIDA DA MINHA VIDA. São Paulo: Universal Music, 2010.**

DADAÍSMO PERRECHÉ. Intérprete: Chico da Silva. **Compositor: Chico da Silva e Paulinho**

Matos. In: A TOADA AMAZÔNICA. [S. L.]: CDS Discos, 1996.

DEIXA A VIDA ME LEVAR. Intérprete: Zeca Pagodinho. Compositores: Serginho Meriti e Eri do Cais. In: DEIXA CLAREAR. São Paulo: Universal Music Brasil, 1998.

DIZ QUE FUI POR AÍ. Intérprete: Zé Kéti. Compositores: Zé Kéti e Hortêncio Rocha. In: NARA. Estados Unidos: Philips, 1964.

ESPERANDO NA JANELA. Intérprete: Gilberto Gil. Compositores: Targino Gondim, Manuca Almeida e Raimundinho do Acordeon. In: SÃO JOÃO VIVO. Rio de Janeiro: Warner Music Brasil, 2001.

EVOLUÇÃO DE CORES. Intérprete: Arlindo Júnior. **Compositor:** Ronaldo Barbosa. In: CAPRICHOSE/GARANTIDO DE 1998. **Belo Horizonte: Gravasom, 1999.**

FESTA DA ALVORADA. Intérprete: Paulinho Faria e companhia. Compositor: Tony Medeiros, Caetano Medeiros e Gaspar Medeiros. In: *CURUMIM DA BAIXA. São Paulo: Som Livre, 2005.*

FOGO DE SAUDADE. Intérprete: Sombrinha. Compositor: Sombrinha. In: BETH CARVALHO. São Paulo: RGE, 1986.

GARANTIDO EM FESTA. Intérprete: David Assayag e Tadeu Garcia. **Compositor:** Tadeu Garcia e Paulinho Dú Sagrado. In: *PARINTINS PARA O MUNDO VER. Rio de Janeiro: Sony Music, 1997.*

GARANTIDO IMORTAL. Intérprete: Sebastião Júnior e Edilson Santana. **Compositor:** Adriano Aguiar. In: NÓS, O POVO. [S. L.]: **Gravadora Independente, 2019.**

INSENSATO DESTINO. Intérprete: Almir Guineto. Compositores: Almir Guineto e parceiros. In: SORRISO NOVO. São Paulo: RGE, 1985.

ISA-A-BELA. Intérprete: David Assayag. **Compositor:** Paulinho Du Sagrado. In: AMAZÔNIA DO POVO VERMELHO. **São Paulo: ONErpm, 2022.**

LAMENTO DE RAÇA. Intérprete: David Assayag. Compositor: Emerson Maia. In: O MELHOR DE 94-95-96. São Paulo: Atração Fonográfica, 1996.

LEAVE THE DOOR OPEN. Intérprete: Silk Sonic. Compositores: Bruno Mars, Anderson Paak e D'Mile. In: AN EVENING WITH SILK SONIC. Estados Unidos: Aftermath Entertainment/Atlantic Records, 2021.

LOSE CONTROL. Intérprete: Missy Elliott. Compositores: Melissa Elliott, Ciara Harris, Isaac Freeman, Richard Davis e Curtis Hudson. In: THE COOKBOOK. Flórida: The Goldmind Inc., Atlantic, 2005.

MATRIARCA. Intérprete: Paula Gomes. **Compositor:** Cézar Moraes, Diego Silva e Sandro Santos. In: SABEDORIA POPULAR. **Manaus: Associação Folclórica Boi Bumbá Caprichoso, 2019.**

MINA DO CONDOMÍNIO. Intérprete: Seu Jorge. Compositor: Seu Jorge. In: AMÉRICA

BRASIL. Rio de Janeiro. EMI Music Brasil, 2007.

NOITES CARIOCAS. Intérprete: Jacob do Bandolim. Compositor: Jacob do Bandolim. Estados Unidos: RCA Victor, 1957.

O SHOW TEM QUE CONTINUAR. Intérprete: Grupo Fundo de Quintal. Compositores: Arlindo Cruz, Sombrinha e Luiz Carlos da Vila. In: SIMPLICIDADE (AO VIVO). Rio de Janeiro: RCA, 2000.

OLD TOWN ROAD. Intérprete: Lil Nas X. Compositores: Montero Hill, Trent Reznor, Atticus Ross (além de Billy Ray Cyrus e Jocelyn Donald). In: LIL NAS X. Estados Unidos: Columbia Records, 2018.

OLHA PRO CÉU. Intérprete: Luiz Gonzaga. Compositores: Luiz Gonzaga e José Fernandes. In: **QUADRILHAS E MARCHINHAS JUNINAS**. Estados Unidos: RCA Victor, 1958.

PAGODE EM BRASÍLIA. Intérprete: Dominginhos. Compositores: Dominginhos e Anastácia. In: GRAVAÇÕES DIVERSAS. [S. L.]: RCA, 1960.

PÉ NA AREIA. Intérprete: Diogo Nogueira. Compositores: Rodrigo Leite e Cauique. In: PORTA-VOZ DA ALEGRIA. Rio de Janeiro: EMI Music Brasil, 2009.

PESADELO DOS NAVEGANTES. Intérprete: Arlindo Junior. Compositor: Ronaldo Barbosa. In: CRIAÇÃO CABOCLA. Fortaleza: Somzoom, 1996.

POVO FESTEIRO DA ILHA. Intérprete: David Assayag. **Compositor** Adriano Aguiar (Adriano Aguiar Padilha). In: A POÉTICA DO IMAGINÁRIO CABOCLO. [S. L.]: **Gravadora** Independente, 2017.

RAP DA FELICIDADE. Intérprete: Cidinho & Doca. Compositores: Kátia Cileia e Julinho Rasta. In: EU SÓ QUERO É SER FELIZ. Brasil: Spotlight Records, Warner Music Brasil, 1995.

RAPPER'S DELIGHT. Intérprete: The Sugarhill Gang. Compositor: Bernard Edwards e Nile Rodgers. In: SUGARHILL GANG. Estados Unidos: Sugar Hill Records, 1979.

RIR À TOA. Intérprete: Falamansa. Compositor: Tato. In: DEIXA ENTRAR. São Paulo: Abril Music, 2001.

SAGA DE UM CANOEIRO. Intérprete: Arlindo Júnior. Compositor: Ronaldo Barbosa. In: SAGA DE UM CANOEIRO. Brasil: Gravasom, 1994.

SENSIBILIDADE. Intérprete: David Assayag. **Compositor**: Adriano Aguiar e Geovane Bastos. In: A MAGIA QUE ENCANTA. **Fortaleza**: SomZoom, 2011.

TÁ TUM TUM. Intérprete: MC Kevinho, Simone & Simaria. Compositores: Rafinha RSQ e Kayky Ventura. In: SINGLE. Brasil: KondZilla Records / Warner Music Brasil, 2018.

TARECO E MARIOLA. Intérprete: Flávio José. Compositor: Petrúcio Amorim. Rio de Janeiro: PolyGram, 1995.

THIS IS AMERICA. Intérprete: Childish Gambino. Compositores: Donald Glover e Ludwig Göransson. In: SINGLE THIS IS AMERICA. Estados Unidos: RCA Records, 2018.

TIC TIC TAC. Intérprete: Banda Carrapicho (Zezinho Corrêa). Compositor Braulino Lima. In: FESTA DO BOI BUMBÁ. *Estados Unidos*: BMG e Arista Records, 1996.

TREASURE. Intérprete: Bruno Mars. Compositores: Bruno Mars, Philip Lawrence, Ari Levine e colaboradores. In: UNORTHODOX JUKEBOX. Estados Unidos: Atlantic Records, 2012.

U CAN'T TOUCH THIS. Intérprete: MC Hammer. Compositor: Alonzo Miller, Mc Hammer, Rick James. In: PLEASE HAMMER, DON'T HURT 'EM. Intérprete: MC Hammer. Estados Unidos: EMI, 1990.

VERMELHO. Intérprete: David Assayag, Fafá de Belém. Compositor: Chico da Silva. In: PÁSSARO SONHADOR, LENDAS, RITUAIS E SONHOS. Brasil: Sony Music, 1996.

XOTE DA ALEGRIA. Intérprete: Falamansa. Compositor: Tato. In: DEIXA ENTRAR. Brasil: Abril Music, 2001.

XOTE DAS MENINAS. Intérprete: Luiz Gonzaga. Compositores: Luiz Gonzaga e Zé Dantas. In: GRAVAÇÕES DIVERSAS. Estados Unidos: RCA Victor, 1953.

XOTE DOS MILAGRES. Intérprete: Falamansa. Compositor: Tato. In: DEIXA ENTRAR. São Paulo: Abril Music, 2000.

YEAH!. Intérprete: Usher. Compositores: Sean Garrett, Lil Jon, Ludacris e colaboradores. In: CONFESSIONS. Estados Unidos: Arista Records, 2004.

REFERÊNCIAS - VÍDEOS

ALEXANDRE SILVA. **A história da dança do Samba de Gafieira**. 1 de abril de 2024. 1 vídeo (3min20s). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=4K-4GhtA6WA>. Acesso em: 10 fev. 2026.

BOI BUMBÁ CAPRICHOSO. Documentário: **O Festival é a Vida do Povo Que Vive**. Youtube, 9 de julho de 2020. 1 vídeo (32min). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=PQagXOeq7E0>. Acesso em: 10 fev. 2026.

BRASIL REVELADO. **Festival de Parintins: a história da maior rivalidade da Amazônia**. Youtube, 25 de junho de 2026. 1 vídeo (1min44s). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=yBCrmKgBp8o>. Acesso em: 26 jun. 2026.

BROWN ANDRADE. **Como dançar Hip Hop | Passos para Iniciantes (Aquecimento) danças urbanas iniciantes**. Youtube, 2021. 1 vídeo (5min,50s). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=5ukma5eltuw>. Acesso em: 10 fev. 2026.

EUROARTSCHANNEL. **O Samba**. Youtube, 29 de abril de 2014. 1 vídeo (1min53s). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=TSeswsuo2Tc>. Acesso em: 10 fev. 2026.

FORRÓ, MINHA VIDA. Youtube, 19 de janeiro de 2015. 1 vídeo (33min7s). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=MjKe8-O2B4I>. Acesso em: 10 fev. 2026.

LEO FORTES E ROBERTINHA. **A História do Samba de Gafieira em 15 minutos**. Youtube, 26 de maio de 2020. 1 vídeo (15min37s). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=BBQ9Q8stm7E>. Acesso em: 10 fev. 2026.

TAMO JUNTO HISTÓRIA. **A história do Festival de Parintins**. Youtube, 13 de junho de 2024. 1 vídeo (11min16s). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=vXv7pOg41xw>. Acesso em: 10 fev. 2026.

TV A CRITICA. **Parintins: conheça o Festival que move uma cidade inteira**. Youtube, 10 de junho de 2022. 1 vídeo (5min55s). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=ZLnu4Qgs0Is>. Acesso em: 10 fev. 2026.

TV BRASIL. **O Samba de Gafieira e o Salão**. 31 de agosto de 2018. 1 vídeo (25min50s). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=VJZ2BawsyUU>. Acesso em: 10 fev. 2026.